



fisga

PLANETÁRIO

NO CAMINHO DAS ESTRELAS

POR
JOÃO
PACHECO

LIVRO

A timidez poética
de Alfredo Cunha

Lisboa, 1975. Debaixo de um céu nublado, o fotógrafo captou a fanfarrone branca do Padrão dos Descobrimentos. O monumento choca aqui com o monte precário de caixotes. Somos convidados a imaginar lá dentro os pertences dos chamados retornados, que apesar de se verem enquadrados por essa palavra são em muitos casos pessoas que nunca tinham posto os pés na Europa. Dentro dos caixotes poderá haver álbuns de família cheios de sol, receitas datilografadas que incluem cerveja Cuca e outros ingredientes que agora faltam. E vestidos e sapatos e móveis e loiças. Tudo ali a esperar junto ao rio Tejo.

Longe destes caixotes, o país habitua-se à nova vida sem guerra e sem a magia de Lourenço Marques, cantada por João Maria Tudela. É uma vida com democracia e crise económica, a seguir ao 25 de Abril de 1974. Estas caixas parecem ter ficado para trás, como restos do império colonial português. Entre as letras que gritam, vemos as palavras "Desalojados Lisboa". Sim, há sinais de superação nesta imagem do fotógrafo Alfredo Cunha, que é também o autor de algumas das fotografias mais inesquecíveis da Revolução



ALFREDO CUNHA

de 1974. Alfredo Cunha fará amanhã 69 anos e lança hoje em Lisboa um novo livro, às 18h30, na Biblioteca da Imprensa

Nacional. O livro é o nono da ótima série Ph, da Imprensa Nacional — Casa da Moeda, dedicada a fotógrafos portugueses conceituados. Helena Almeida, Jorge Molder e Paulo Nozolino estão entre os anteriores fotógrafos escolhidos para esta coleção bilingue, com textos em português e em inglês. Neste novo volume, o sociólogo António Barreto escreve sobre os mais de 50 anos de trabalho de Cunha, identificando como marca transversal da obra "uma timidez indiscutível" na forma como fotografa os acontecimentos e as pessoas.

É uma timidez poética, feita de atenção. O fotógrafo sempre olhou para os problemas de frente, evitando a exploração visual da intimidade alheia. Em vez de apenas mostrar, as fotografias de Alfredo Cunha pedem-nos que pensemos. Venham mais.



MADRID — NOVA IORQUE

Os mistérios da frente

Estes rapazes devem conhecer bem a tabuada, caso tenham passado pela escola. Lá atrás, as letras grandes servem para publicitar espumante. E podemos imaginar como seria melhor a vida sem guerra, se agora fosse de noite em Barcelona e aquela publicidade estivesse iluminada. Mas não é altura de pensar em espumante, nem no próximo Ano Novo, nem no último Carnaval. Nem sequer importa muito o dia da semana, porque o ritmo mudou. Os dois rapazes olham-nos a partir de uma barricada, do alto de agosto de 1936. São duas crianças numa guerra, embora não vejamos armas nem sangue nesta imagem de Gerda Taro (1910-1937). Talvez os miúdos estejam ali a brincar, talvez a fotógrafa queira transmitir otimismo. Para já, estes rapazes desarmados sabem escalar a barricada e usam na cabeça barretes omnipresentes em crianças fotografadas por estes tempos. São os primeiros tempos da guerra civil espanhola (1936-1939) e um dos rapazes parece ter no chapéu a sigla de um sindicato anarcossindicalista que está do lado republicano. Esta seria uma

barricada para conter o avanço dos rebeldes fascistas, que acabariam por ganhar a guerra civil com a ajuda alemã do líder nazi Adolf Hitler e com o apoio do regime fascista italiano de Benito Mussolini. Pelo caminho, os rebeldes de direita semearam valas comuns. E ao vencer deixaram como ditador o general Francisco Franco (1892-1975). Correção: numa guerra quase todos acabam por perder, a começar pelos civis. Quer sejam homens e mulheres em idade de combater ou pessoas demasiado velhas ou demasiado novas para entrar nessa engrenagem.

Antes de existir fotografia, o genialíssimo pintor Francisco de Goya (1746-1828) tinha mostrado ao mundo os horrores da guerra e em particular o sofrimento vivido pelos civis. Já sobre a guerra civil espanhola, a obra de arte mais incontornável é "Guernica". Pablo Picasso pintou-a em Paris, em 1937. Depois, foi levada para Nova Iorque durante a II Guerra Mundial. E só aterrou em Espanha em 1981, com a democratização do país. Pode e deve ser vista em Madrid, no Museo Reina Sofia.



ID: 101548300

07-10-2022 | Revista E

Quando Picasso pintou “Guernica”, a fotografia de guerra estava a aproximar a realidade das frentes de batalha das páginas das revistas e dos jornais. Antes, com o início da fotografia no século XIX, as imagens de guerra tinham começado a chegar longe das frentes de combate. Mas fotografar exigia o uso de equipamentos muito pesados e lentos, impossíveis de conjugar com os repentinos das batalhas. Durante a Guerra da Secessão (1861-1865), nos Estados Unidos, as fotografias de guerra mostravam os momentos antes e depois das batalhas, quando havia condições para fotografar. Já depois da I Guerra Mundial, com a chegada ao mercado de câmaras fotográficas pequenas e muito portáteis, a fotografia passou a poder ser feita de forma muito mais rápida, acompanhando de perto os soldados no terreno. Foi nesse contexto tecnológico que a fotógrafa alemã de origem judia Gerda Taro chegou à guerra civil espanhola, optando de forma militante pelo lado republicano. E formando na linha da frente uma dupla com Robert Capa, que tem todos os ingredientes de um bom romance de amor e de guerra. Antes de chegarem a Espanha, Taro e Capa tinham abandonado no exílio parisiense os nomes de nascença Gerta Pohorylle e André Friedmann, trocando-os por nomes com pinta de Hollywood. Gerda Taro morreu depois de ter sido ferida por um tanque republicano desgovernado, 11 meses depois do dia em que retratou em Barcelona estes rapazes empoeirados numa barricada. Agora e até 9 de janeiro, o International Center of Photography tem em Nova Iorque a exposição “Death in the Making: Reexamining the Iconic Spanish Civil War Photobook”. A exposição conta com imagens da guerra civil espanhola dos repórteres fotográficos Gerda Taro, Robert Capa e David Seymour, mais conhecido como Chim. São dos três as fotografias do livro “Death in the Making”, que Capa dedicou a Gerda Taro um ano depois da morte da primeira repórter fotográfica de guerra da História. Mais importante do que ter sido pioneira, são de Taro algumas das melhores imagens da guerra civil espanhola. Trouxe-nos a morte, através dos corpos caídos. O medo, nas caras incrédulas de crianças e mulheres refugiadas. Os olhares de homens e mulheres mal vestidos e mal armados, que queriam parecer invencíveis. E trouxe-nos estes rapazes numa barricada, entre outros mistérios da frente. ●

FLASHES



LOS ANGELES

Este figurino sexy foi criado para o filme de 1954 “Carmen Jones”, onde vestiu a personagem interpretada pela atriz Dorothy Dandridge (1922-1965). Poderia ser só mais uma roupa usada por uma atriz bonita, neste caso afro-americana. Mas o histórico de racismo e também de promoção de racismo que está ligado a Hollywood é um assunto doloroso. Até 9 de abril em Las Vegas, a exposição “Regeneration: Black Cinema 1898-1971” está no Academy Museum. Para contar uma parte desta história.



CIDADE DO CABO — LONDRES — VENEZA

Grada Kilomba tem conquistado o mundo. Até 9 de janeiro, a exposição “A World of Illusions” está na Cidade do Cabo, na Norval Foundation. Já em Londres, na Somerset House, a artista nascida em Portugal e radicada na Alemanha tem agora e até 20 de outubro “O Barco”. E em Veneza, na Fondazione Giorgio Cini, Kilomba é uma das artistas e intelectuais negras convidadas para o congresso “Loophole of Retreat: Venice”, que começa hoje, termina no domingo e é uma extensão da exposição “Simone Leigh: Sovereignty”, do pavilhão dos Estados Unidos na Bienal de Veneza.

MADRID

O Museo del Prado tem em Madrid outras estrelas muito mais importantes para a História de Arte, mas há 25 obras já identificadas que podem significar muito para os descendentes dos antigos proprietários, espoliados durante a guerra civil espanhola. O museu madrileno decidiu abrir uma investigação para descobrir se há mais peças na coleção que tenham esta proveniência indigna. O objetivo é agora devolver estas obras de arte aos familiares de quem foi roubado.

LONDRES

Lucian Freud e a égua “Sioux”



THE LUCIAN FREUD ARCHIVE - BRIDGEMAN IMAGES

Quando Lucian Freud morreu há 11 anos, “Sioux” assistiu à última missa dentro da igreja. Depois, a égua acompanhou o cortejo até ao sítio onde foi sepultado o pintor britânico de origem alemã. A égua “Sioux” morava no Wormwood Scrubs Pony Centre, onde Freud instalou um estúdio temporário entre 2003 e 2006. Quem apresentou ao pintor esta égua (na imagem) foi uma freira que dirigia a instituição. E “Sioux” tornou-se a preferida de Freud. Não se tratava de fervor religioso, mas antes de amor a estes animais e às apostas em corridas de cavalos. Talvez esta ligação sentimental entre o pintor, a égua e o jogo pudesse ter interesse para o psicanalista Sigmund Freud. Mas o avô do pintor não chegou a analisar a questão porque morreu em 1939 e não

conheceu a égua “Sioux”. Nesse ano de início da II Guerra Mundial, o neto que viria a ser pintor ganhou cidadania britânica, anos depois de a família ter saído da Alemanha a seguir à chegada ao poder do ditador nazi Adolf Hitler. Lucian Freud foi um dos grandes pintores do séc. XX. E a tela “Mare Eating Hay” (“Égua a Comer Feno”) está agora a ser exibida pela primeira vez, na pequena exposição “Horses & Freud”, até 16 de dezembro na galeria Ordovas, em Londres. Também em Londres, a grande exposição “Lucian Freud: New Perspectives” está até 22 de janeiro na National Gallery. O pretexto para estas e outras exposições ligadas a Lucian Freud é uma data redonda. Se fosse vivo, o pintor faria 100 anos no próximo mês de dezembro.

PHOTO MATON



Esta imagem integra a série “How to Rejuvenate an Eagle”, dos fotógrafos polacos Adam e Dyba Lach. E faz agora parte da exposição de fotografia polaca “Ausnahmestand. Polnische Fotokunst heute”. Até 1 de janeiro no Zentrum für Aktuelle Kunst, em Berlim. Quem chegará primeiro?